

Na linha ocidental: Soldados ingleses atirando granadas de mão contra as trincheiras alemãs (The Sphere)

1.ª série — N.º 483

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Lisboa, 24 de Maio de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1820	ctv.
Semestre.....	2840	"
Ano.....	4880	"

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
Rue des Capucines, 8

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, officina de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



MUNICÃO CALIBRE.22

Deseja V. Sa. obter exactidão, fôgo certo, e penetração da tua munición de pequeno calibre assim como dos cartuchos para caça grossa.

Então devem exigir os cartuchos REMINGTON-UMC que veem na caixa com marca bolla Vermelha. Estes são os que dão esse resultado.

Acham-se á venda nas principais casas d'esto genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil

LEE & VILLELA

Caixa Postal 420, São Paulo, Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas

OTTO KÜHLEN

Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3. Lisboa.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

A' VENDA

Almanaque d'O SEGULO

(ILUSTRADO)

A' VENDA

TELEPH. #2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COL. GAL. SORTIMENTO
R. da Oura, 281 JOAQUIM R. ALVES LISBOA



NETTO, NATIVIDADE & C.

DEPESITA RIOS EXCLUSIVOS, assim como de: Laboratorio Produções esterilizados "Sardin". Labo. atório de Graculados e Esterilizados Es-fincto & Filhos, Suborno Alcatraz e emposto Dr. Gama Po. lama. Xarope licorico contra a tosse convulsa Espinholeto Alentej.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	800.000.000
Obrigações.....	300.000.000
Fundos de reserva e amortizado.....	100.000.000

Total..... 1.200.000.000 (milhões de réis)

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobralinho (Tomar), Penedo e Casal d'Irmão (Lousã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — *Escritorios e depositos:* 270, RUA DA PINGUEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado.* Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

Comprem as Sedas Schweizer

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!



Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Crêpe de China, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., Cambraia suissa 120 cm de largo a partir de fr. 1.35 o metro.

Grandissima escolha sobretudo em preto, meio lucto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso. Blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos, em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc., e em sedas novidades desde fra. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente em todos os padrões.



Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co

Lucerna, E 11 (Suissa).

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Vizella
O MELHOR SABONETE

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 483

24-5-1915

A Revolução

Na madrugada de 13 para 14, um extenso e intenso movimento revolucionario derrubou o gabinete Pimenta de Castro e determinou o advento de um governo nacional. A Republica, que durante a ditadura revestira um caracter essencialmente conservador, orientou-se agora, mercê da revolução, n'um sentido rasgadamente liberal e democratico. O ato revolucionario, mais impetuoso e mais sangrento que o de 5 de outubro, caracterizou-se pela organização segura e pela execução firme e rigorosa dos planos de ataque, a que respondeu, por parte do governo, uma notavel falta de coordenação, de synergia e de nitidez nos planos de defeza. O seu exito deveu-se, na maxima parte, ao entusiasmo e á bravura dos marinheiros e do povo. Para vencer — diz uma grande figura de Ibsen, o «Bispo Nicolau» — a condição essencial é ter fé, fé inquebrantavel, fé veemente. Os soldados revolucionarios sabiam bem por que se batiam: pela Republica e pelo seu código fundamental violado. Os soldados governamentais limitaram-se a cumprir, com nobreza mas sem convicção, o dever de se bater.

Crianças mortas

Começaram a recolher-se, piedosamente, n'um necrotério improvisado em Queenstown, as victimas do naufrágio do «Lusitania». O paquete ia cheio de crianças. A maior parte d'essas crianças morreu. E agora, n'um dos telheiros de zinco d'essa morgue d'acaso, dezenas de cadaveres infantis, amachucados como farrapos, amarelos como folhas mortas, dormem alinhados, alguns de mãos dadas, os olhos vazios, os cabelos loiros empastados d'agua e de sangue. Obra inconsciente da tempestade? Não. Obra consciente do homem. Compreende-se que os submarinos torpedem navios de combate; não se compreende que os submarinos torpedem navios pacificos. E' legitimo que, em estado de guerra, por todos os processos possiveis, desde a melinite até ao cloro gazozo, o homem assassine o homem; repugna á consciencia universal que o homem assassine a criança. O crime do «Lusitania» pertence ao numero d'aqueles que o

sentimento humano não absolve. Tem de ser julgado pelos mais inflexiveis juizes: as mães.

A Italia em guerra

E' possivel que, quando esta Cronica fôr lida, a Italia já seja beligerante. Durante as negociações entre os gabinetes de Vienna e de Berlin e o gabinete do Quirinal, posteriores á denuncia do tratado da «Triplice», o principe de Bulow ofereceu á Italia, em troca da promessa da sua neutralidade, a cessão da provincia de Trento, a autonomia de Trieste, o reconhecimento da dominação italiana em Valona, e, possivelmente, alguma ilha na Dalmácia. Era um negocio excelente. Porque o não aceitou a Italia? Porque lhe era exigido, em troca, o reconhecimento da anexação da Belgica á Alemanha. As negociações malograram-se. O governo Salandra ficou. O espetro da Revolução ameaça a Italia, extremada nos campos irredutivéis do neutralismo e do intervencionismo. A palavra de d'Annunzio inflama Roma. Giolitti encalhe-se. Ha motins nas ruas, incidentes na fronteira. Corre o sangue. E a questão é definitivamente posta pelo poeta da «Nave»: — «Se os não deixam exterminar os austriacos, os italianos exterminar-se-hão uns aos outros».

A minha estante

D. Mécia, por Marques Rosa. — Grande pintura a fresco da politica e dos costumes portuguezes do seculo XIII, feita com mão segura por um nobre e cultissimo espirito. E' um livro que, pela probidade dos seus processos e pela visão historica que acusa, honra quem o escreveu.

Bem aventurados os que choram, por Simões de Castro. — Contos reveladores d'uma sensibilidade fina, delicada, um pouco doentia, e d'um belo talento literario que, embora em formação, se afirma já, largamente, na elegancia simples da prosa, no sentimento exato das figuras.

JULIO DANTAS,



Transferido

Adelina Bartolini foi uma estrela coreografica de ha uns bons vinte anos que conheceu a ribalta dos mais celebres teatros do mundo. Por essa época remota fez furor em S. Carlos nos bailados.

Formosa sem ser bêta, cabelos e olhos negros, pele branca e diafana sulcada de tenues veias azuladas, a gracil bailarina, moldadas as fôrmas d'uma plastica impecavel n'um finissimo *mailot*, era o iman da mais notoria falange de *diletanti*, que só aparecia nos seus logares á hora dos bailados, como bem recorda ainda o publico de S. Carlos d'esse tempo.

Adelina Bartolini deixara na sua demorada passagem por Lisboa um *bambino* e uma *bambina*, dois gêmeos parcidos nas feições mas profundamente dissemilhan-tes no encéfalo, debeis creaturas gestadas debaixo das baleias inflexiveis dum espartilho-coureaço apropriado a dissimular o avolumamento do ventre sob os tules vaporosos que em curtos folhos tem nas bailarinas logar de saias.

Estes meninos eram filhos d'um edoso fidalgo portu-guez de antiga linhagem, assinante perpetuo d'um *fau-teuil* da opera e secreto amator de figuras coreogra-ficas.

Um belo dia a bailarina, tendo na alma a volubilida-de dos calcanha-res, aborreceu-se dos ademanos fi-dalgos do seu profetor e foi-se para Italia com um baritono, deixando as duas mi-mosas creaturi-nhas nos braços das respetivas amas.

O fidalgo enca-ron a situação com fleugma e confiou as crean-ças a uma sua ir-mã, donzela inde-pendente, que tendo aliás o mais virtuoso desprespo por «bastardinhos» segundo a sua expressão, os recebeu por condescen-dencia fraterna no seu palacio sem temer a maledicen-cia do mundo de que os seus sessenta invernos a pu-nham a coberto, sendo os meninos de tão tenra idade.

Todas as preçilhões do pai e da tia cujos laços de parentesco as creanças ignoraram sempre, eram para o rapazinho, destinado a ser senhor d'uma grande casa e d'um grande nome se o velho conde, cortado pela parca o n'um matrimonial, tivesse um dia possibilidade de reco-nhece-lo, para se lhe não extinguir a gerarquia. Para a menina eram todos os rigores desde a primeira infan-cia, tendo esta norma educativa como resultado, auxi-liada pelas dissemilhaças congénitas, trazer mais tarde para a sociedade uma mulher de merecimento e de ca-racter e um mancebo inepto, orgulhoso e malévolo, ridi-culamente ignorante.

Ái pelos quatro anos foi-lhes dada uma mestra ingle-za mandada vir do seu paiz, com a clausula imprescin-dível de ser catolica, a cujos cuidados D. Tereza confiou Nuno e Maria da Luz.

Permitiu D. Acaso que a mestra saísse modelar.

Sabedora, sensata e réta, «miss» Lucy Tenison desem-penhava a sua missão com a mais escrupulosa prohibida-

de profissional e o mais judicioso criterio. E se a cada momento via Nuno rebelde ao mais leve esforço de atenção, não menos vezes tinha de moderar o ardor com que Maria da Luz, inteligente e aplicada, se entre-gava ao estudo. Ambos se iam robustecendo com exer-cícios físicos adequados á sua idade e longos passeios por sitios saudaveis, ensejo aproveitado para palestras agradaveis e instrutivas que faziam as delicias de Maria da Luz, e eram perturbadas por diabruras inéditas do endemoninhado Nuno, sempre indisciplinado, a despei-to de todos os processos ensaiados por «miss» Tenison para o submeter.

Aos treze anos Nuno era um diabrete, insuportavel de malicia e de estulta vaidade. Fugia das salas e escoava-se pelas escadas interiores do palacio, subtraíndo-se á vigilancia de «miss» Tenison que algumas vezes o foi surprender na cosinha ou na copa arengando sobre uma mesa aos criados n'uma linguagem que arrancava á corréta ingleza um *shoking!* de indignação.

«Miss» Tenison entendeu afinal que era do seu dever ex-pôr a D. Tereza as dificuldades com que lutava para o fazer enveredar pelo bom caminho e solicitou uma au-dienza.

D. Tereza que avelára nos seus setenta e tantos, cada vez mais rispida, acolheu o mal.

— Já sei o que vae dizer-me — foram as suas primeiras pala-vras — Maria da Luz é um porten-to, uma oitava maravilha do mundo. Nuno é um parvo, um estupido, um insolente.

— Nunca em-preguei taes qua-lificações a res-peito de Nuno. E' certo que não é dotado d'uma grande sagacida-de e que não se submete ás mi-nhas advertencias.

— Pois olhe interrompeu D. Tereza cada vez mais azeda — se os discipulos são desobedientes a culpa é de quem os educa. E demais, a minha fortuna permite-me poupar esse menino, de quem me encarreguei por filan-tropia, ás contingencias do comercio ou d'essas vidas em que os rapazes são obrigados a quebras de cabeça com os livros. O que elle precisa agora é adquirir ma-neiras para se apresentar com distincção na sociedade. Precisa um perceptor e já tenho um muito recomenda-vel indicado pelo nosso capelão. E como Maria da Luz já sabe mais que o que se exige de uma menina, aviso-a de que pode reclamar do meu mordomo o dinheiro da sua passagem para regressar a Inglaterra, visto não ser precisa.

— Retirarei hoje mesmo de casa de v. ex.^a — respondeu «miss» Tenison com dignidade.

— Pode continuar no palacio até ao seu embarque. Não é sangria desatada.

— Agradeço a v. ex.^a mas provavelmente sairei. Ten-ho propostas para educar outras creanças em Lisboa. Julgo que me será permitido visitar algumas vezes Ma-ria da Luz a quem sou muito dedicada...



—Sim, regular-se-ha isso—respondeu D. Tereza secamente pondo-se de pé como quem dava por finda a audiência.

A separação da sua bondosa mestra foi o primeiro desgosto de Maria da Luz, fazendo-lhe verter lagrimas sentidas, acolhidas pelos comentários trocistas do mano Nuno, propenso a ridicularisar todas as manifestações de sentimento.

Passaram sete anos. Vamos encontrar D. Tereza de Castro pergaminhada. O mano conde que a morte ceifara antes da esposa, não tivera tido ensejo de reconhecer os filhos adúlteros. O mano que pudera fazer em

benefício de Nuno fôra deixar-lhe em testamento a sua pingue terça, agora completamente dissipada em orgias e bambocas atas pelo treloucado rapaz.

Conhecido nos camarins dos teatros e em todos os logares públicos, tanto se mostrava nos restaurantes afamados procurando a capítosa embriaguez do Muet et Chandon em ceias que duravam até à madrugada, como se entregava ao embrutecimento traçoieiro da popular água-pé mal lhe fôsse inculcado que apparecera à venda no

Rocio ou na Anunciada pelos «serenos» que o levavam a casa ao romper do sol, após as suas noites de orgia.

Conhecendo por sua vez toda a gente, era de vêr o sorriso escarninho com que acolhia o deslizar de cada figurante se aconecia atravessar do Arco do Bandeira até à embocadura da rua do Ouro com um grupo dos seus companheiros de esturdia a vêr desenrolar a fita no cinema das cinco. Zombeteiro e cético, apesar de fazer parte de varias irmandades e confrarias, não havia para ele homem honrado nem mulher recatada. Mas onde era certo pela tarde era no limiar da «Tendinha» enrosetadas as faces e o gesto brigão, o pé elegante e esguio irrepreensivelmente calçado, o fato da melhor tesoura, os labios premindo charutos das melhores marcas.

De leitura não fazia uso; apenas por desfastio folheava o *Blanco y Negro*. Não dispensava as touradas de Sevilha, era socio do Club Taoumaquico e da Sociedade Nacional de Esgrima, empunhando garbosamente o florete e caindo em guarda com firmeza. N'isto se cifravam todos os seus meritos.

Em perfeito contraste, Maria da Luz passava uma triste mocidade, um isolamento completo, que tinha, contudo, para o seu caracter concentrado um certo encanto. Achando vasto alimento para a sua curiosidade intelectual na rica biblioteca do palacio, entretinha-se horas e horas completando os seus estudos de ciencias historicas e naturaes n'aquela enorme salão onde não entrava viva alma; outras vezes fazendo diversão para a arte, era a pintora que a absorvia, produzindo telas de valor com inspiração e com colorido, que óa «miss» Ter-ninon era dado admirar nas suas raras visitas e em que a aptidão da discipula, que em tudo a excedera, a deixava maravilhada.

Maria da Luz, a não ser á hora da missa dominical na capela do palacio, raro via D. Tereza, que sob o peso dos seus oitenta janeiros bem puxados, passava os seus dias liquidando contas com Deus e com os homens, toda

entregue a exercicios espirituales ou a minutos de testamento, rabiscando-as e inutilizando-as cada vez que lhe occorria ter-se esquecido de contemplar alguma das irmandades a que pertencia ou refletia que eram excessivos os legados de que dispuzera em favor dos criados, tão decrepitos como ela, tendo-lhe aturado as catturices de toda a vida, ou os filhos de seu irmão mais novo, o general Almeida de Castro, unicos parentes legitimos; para Nuno, o seu predileto, nada achava demasiado e contemplava-o com largueza n'um legado quasi igual ao que destinava ao seu capelão.

Maria da Luz passava, pois, uma triste mocidade, como ficou dito, não vendo pessoa alguma a não ser os velhos famulos da casa. Nas raras vezes que saía com a governante, quasi tão rabujenta como a propria D. Tereza, a peregrina formosura de Maria da Luz não podia deixar de impressionar quem a encontrasse e algum houve de facto em quem essa impressão foi duradoura e se gravou profundamente; foi o tenente Francisco Lima Pestana, filho d'um jornalista e publicista eminente, de idéas avançadas e de politica liberal.

De um olhar e de um sorriso radioso nasceu este amor, como todos os amores, entre Francisco e Maria da Luz, que julgou vêr rasgar-se uma nuvem espessa no seu tenebroso céu entremostrando-lhe uma nesga de azul no dia em que os seus olhos se encontraram pela primeira vez com os de Francisco, dia que não poude casualmente esquecer porque foi aquele em que completou vinte e um anos.

Seguiram as coisas os seus tramites habituaes até ao dia em que Nuno, recolhendo para jantar, notou um gesto de entendimento feito pelo official que passava na rua defronte das janelas do palacio e viu Maria da Luz por detraz da vidraça corresponder a este gesto com um sorriso.

No dia immediato Maria da Luz foi intimada a comparecer no quarto de D. Tereza.

—Menina—perorou esta mal se fechou a porta—o que tenho a dizer-lhe é muito grave. No meu tempo as raparigas não aceitavam a côrte de um homem sem autorisação de seus pais ou tutores; os costumes hoje perverteram-se. Acabo de saber que a menina se porta indecorosamente e anda de namôro com um figurão qualquer, filho de um pedreiro livre, de um inimigo da religião e do trono. Advirto-a de que não admito semelhante levandade, percebeu?

—Perdão minha senhora—respondeu Maria da Luz com voz firme—o homem que amo é digno de todos os respeito e pretende desposar-me dentro em pouco.

—O quê, o quê?—interrompeu D. Tereza irada pelo arrojado da resposta—a menina perdeu o juizo. Desposal-a! Isso era bom que eu consentisse em tal. Não faltava mais nada. Eu é que a governo, percebe bem? A menina era uma criança miseravel que a doída da sua mãe abandonou e que eu enchi de beneficios até hoje; ha de fazer o que eu quizer. Tinha que vêr: sair de minha casa com um figurão d'aqueles, um liberalão, um Lima Pestana, que toda a gente óa nossa sociedade despreza. D'essa a livrarei eu. Sai á sua digna mãe, não ha que vêr!

—Minha senhora—replicou Maaria da Luz ferida nos seus mais puros afetos—peço-lhe: que não invoque o nome de minha mãe. Quanto aos inumeros beneficios que de v. ex.^a recebi, as suas palavrats acabam de os apagar



todos na minha memoria. Sou maior. Tenho habilitações para ganhar o meu pão. Nunca mais comerei o de v. ex.^a, que me rebaixaria a meus próprios olhos. Permite-me que me reti e.

—Só faltavam as doutorices. Era melhor que tivesse mais recato. Mas não pense que ha de fazer a sua vontade. Eu ainda posso alguma coisa e não a deixarei casar. Saia da minha vista, saia—concluiu D. Tereza ofegante sob o imperio da mais violenta colera.

Maria da Luz, de uma palidez de cera, entrou no seu quarto dominada por um sentimento de revolta que não podia reprimir.

Toda a sua vida se lamentára intimamente de não ter mãe. O seu nascimento rodeava-se de um vago misterio que ninguem lhe explicára. Diziam-lhe que era orfã, nada mais pudéra saber. E agora, feriam-n'a no seu culto filial, no sentimento de ternura infinita que a palavra «mãe» acordava na sua alma, embora não tivesse conhecido a mulher que lhe dera o ser e que insfintivamente invocava nas suas horas de desalentos. Insultar sua mãe era apagar n'ela toda a gratidão pelos beneficios recebidos. Largo tempo se deteve mediando a resolução que devia tomar, quando, depois de escrever a Lima Pestana, pedindo-lhe que não voltasse a aparecer de frente do palacio sem que ela tornasse a dar-lhe noticias, lhe bateram discretamente na porta.

Era «miss» Tenison.

—Que transtornada, minha querida Maria!—houve uma cena muito violenta, não é verdade?

—Como sabe?

—Diabruras abençoadas do telefone. Estava em casa de uma discipula telefonando para o collegio quando deixou de ouvir a resposta que pedia para distinguir a voz da sr.^a D. Tereza falando com o general. Exigia-lhe que pedisse ao ministro da guerra a transferencia immediata do tenente Lima Pestana para um dos corpos da expedição que parte depois de amanhã. Não sei o que elle respondeu mas ouvi retorquir.

—Obtenha essa graça do ministro e dar-lhe-hei a minha quinta da Charneca que o mano cubiçou tanto sempre; é pegar ou largar, tenho bens para comprar os meus caprichos

Depois ainda lhe ouvi:

—Bem, bem, conte com a quinta se assim fôr.

Calculei que tudo fôra descoberto e corri a ampara la na sua aflicção, que deve ser grande, minha boa Maria. Diga-me agora o que sucedeu por cá.

Maria da Luz descreveu a ominosa cena que se passára e confessou o seu firme proposito de sair do palacio n'aquelle mesmo dia.

—Conto comsigo, «miss» Tenison. Não tenho ninguem. Arranje-me um lugar em algum dos collegios onde lecciona. Não me julga habilitada a ganhar a minha vida?

—Perfeitamente.

—Bem, comunicarei a minha resolução a Francisco que a não desaprovára. Tenho a convicção de que me não quererá menos por isso. E esperarei trabalhando que ele volte glorioso, se efetivamente vae partir.

Dois dias depois em casa de «miss» Tenison faziam-se despedidas comoventes. Francisco, indignado com a injusta transferencia que nenhuma razão justificava, ia comtudo partir cheio de esperanças e de coragem. Não hesitava um instante em cumprir o seu dever, só o molestava a injustiça; mas informado agora do que a motivára, não protestava. Desde que lhe pertencesse o amor da sua adorada Maria da Luz sentia-se feliz e partia com a alma a transbordar de nobres aspirações e ambição de renome para enaltecer a escolhida do seu coração aos olhos dos que manifestavam por ella tão grande desdem.

Hei de trazer-te um nome glorioso, minha querida Maria.

—Bem careço d'ele, não passo de uma engeitada... murmurou ella tristemente deixando pender a cabeça sobre o peito de Francisco para que elle não visse uma lagrima de vergonha por um crime que não era seu.

—O meu amor será para tí o resumo de todos os amores, de pai, de mãe, de esposo, centuplicar-te-ha as caricias que te recusaram, não te bastará?

—Oh! meu adorado Francisco...

Um soluço convulsivo cortou-lhe a voz na garganta.

20—III—915.

A. C.



A REVOLUÇÃO

O povo português é de sua natureza bom e pacífico; tem mesmo, mais do que qualquer outro, uma ingenuidade que o leva não poucas vezes a deixar-se inebriar por devaneios e promessas que nunca se realisam, sem que todavia saia da orbita legal para protestar contra o ludibrio; mas ha uma coisa, contra a qual ele se não contém: é a tirania. E está cada vez mais cioso da sua liberdade, dos seus direitos, do regimen que ele implantou á custa do proprio sangue e para consoli-



dar o qual talvez agora ainda tenha derramado muito mais

Desde que o governo do general Pimenta de Castro se pôz em ditadura, começou-se a acastelar a toimenta. Só ele a não ouvia rugir, nem tinha a noção de que cada vez se afastava mais do cumprimento da missão pacificadora que o levára ao poder, a qual tinha por base essencial o proceder logo ás eleições e deixal-as fazer o mais livremente possível.

Muita gente a creditou até ao ultimo momento que o governo abandonaria as suas cadeiras, evi-



1. O Arsenal guardado por civis, vendo-se os estragos causados pela artilharia, colocada na rua do Comercio
2. Um carro da Cruz Vermelha em frente da sede da Sociedade, no Terreiro do Paço, esperando os feridos

tando uma perturbação dolorosíssima no paiz; mas os verdadeiros republicanos nunca se iludiram, organisando com tacto, coragem e rapidez, um golpe decisivo contra o despotismo que os ameaçava. Tanto mais para admirar era esse ato de legitima revolta, quanto se afirmava, e d'isso se jactava o governo, que a força armada estava do seu lado, principalmente a de terra.

Mas a decepção tinha de ser grande para o governo. A marinha pôz-se toda do lado da causa publica e o exercito de terra, do qual alguns corpos chegaram por motivos de disciplina e pelas suas funções especiaes de segurança a fazer fogo contra o povo, acabou pelo reconhecimento de que a causa do governo não era de fórma alguma a das instituições e do



1. O major de artilharia sr. Sá Cardoso lendo a proclamação da junta revolucionaria da janela principal da Camara Municipal de Lisboa.



2. O aspêto da praça do Muncípio quando o sr. Sá Cardoso lia a proclamação e anunciava os membros do novo governo.

paiz. E a revolução triunfou pouco depois de 24 horas de luta intensa, impossivel de descrever aqui com todos os seus pormenores, em todos os seus aspêtos inte-

ressantissimos, frisando os atos de bravura, os sacrificios estoicos pela liberdade que fizeram os bons portugueses desde os officiaes de mar e terra até ao mais



O automóvel em serviço de reportagem do *Seculo* detido por civis e marinheiros para lhe passarem revista

obsuro elemento civil.

No meio d'esta pavorosa luta fraternal, cujas responsabilidades não é esta ainda a hora, nem este o logar proprio para dirmir, ha notas e loquentes a acentuar, as quaes bastam para des fazer quaesquer jui-zos que de longe se possam ter formado mal sobre os intuitos patrioticos e o proceder levantado dos revoltosos. Que estragos enormes não poderia ter causado em Lisboa a artilharia dos navios de guerra, provocada pelas baterias contra eles assestadas no Alto de Santa Catarina, em Monsan-

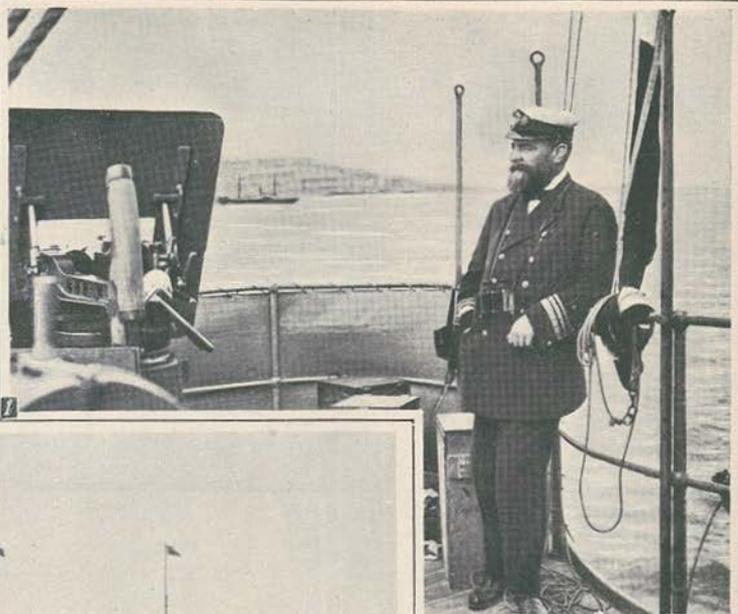


Um tenente de artilharia preso pelos marinheiros, sendo o cavallo conduzido por uma praça de marinha

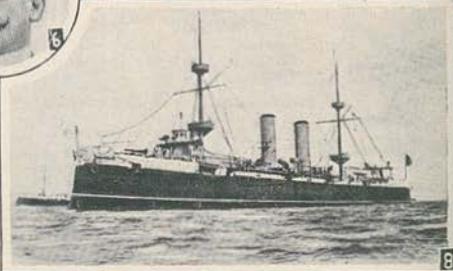
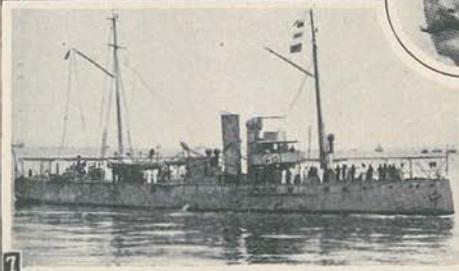
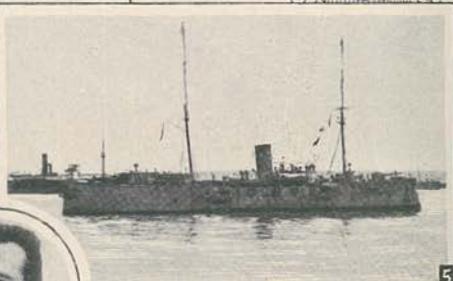
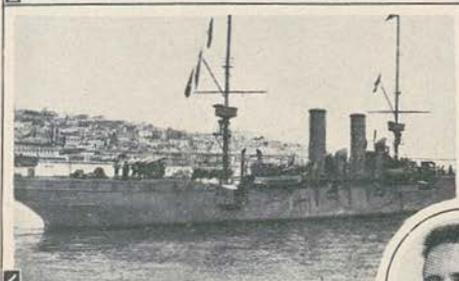
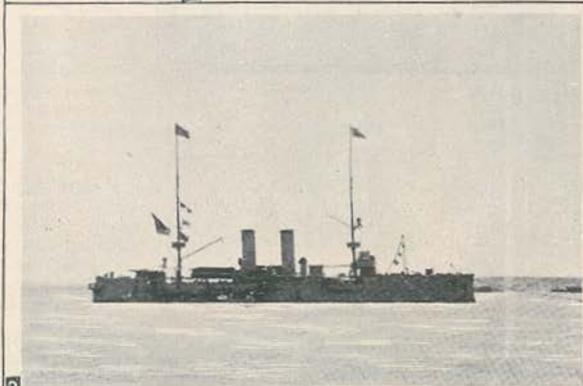
to e no Terreiro do Paço e fazendo-lhes um fogo sem treguas! Limitaram eles a sua pontaria aos pontos d'onde eram atacados, poupando o mais possível a ci-

dade. Houve destroços, houve mortes; mas a sua percentagem podia ser maior, muito maior, se no espirito d'esses bravos, que juraram exterminar a ditadura,

não perpassasse constantemente a idéa dos que podiam sofrer sem culpa. A esta nota acrescente-se a serenidade, a cordura relativa com que procederam em terra os elementos militares e civis durante a revolução e depois do triunfo. A cidade esteve por muito tempo sem vigilância policial, sem



revolucionarios?
Nenhuns. O povo portuguez provou mais uma vez que, lutando



1. O capitão de fragata sr. Leote do Rego na ponte do *Vasco da Gama*—2. O navio chefe do movimento *Vasco da Gama*—3. O sr. Nunes da Silva, comandante do *Almirante Reis*—4. O cruzador *Adamastor*—O cruzador *S. Gabriel*—O sr. Assis Camilo, comandante do *Vasco da Gama*, que foi morto—7.—A canhoneira *Betra*—8. O cruzador *Almirante Reis*—(clichsê Benolle)

meios de defeza para a garantia de vidas e de propriedades. Quaes os abusos, quaes os atentados, que se podem apontar como taes aos verdadeiros elementos

com des.spero pelos seus direitos constitucionaes, sabe manter as suas velhas tradições de galhardia e generosidade.

(Continuação dos acontecimentos na pagina 665).

No Salão da "Ilustração Portuguesa"



N'estes ultimos anos não se tem passado um só em que a distinta profes-

sora de piano sr.^a D. Lucília Moreira não apresente no salão da *Ilustração Portuguesa* um grupo de alunos que lhe fazem honra pelos brilhantes resultados que tiram do seu inteligente e metódico ensino.

Este ano receberam fartos aplausos as meninas Maria Henriqueta, Maria Faro Oliveira, Irene, Violette e Antoinette Daeschner, Maria Luiza Almeida, Paulina Ribeiro, Germaine Stern, Maria Cecília Vasconcelos, Eufrazia Silva, Gabriela Correia, Laura Veloso, Hans e Gustavo Zicharmann, José da Cunha Novaes e Paulo Amarante. Mas distinguiram-se, sobretudo, «mesdemoiselles» Margarida Novaes, Hilda Andrade, Clementina

Moreira, uma gentil menina muito artista, que já dá lições, Maria Ceci-

lia Vasconcelos, Lídia Almeida, Helena Loureiro, Ema Marçal e ainda Raquel Carreira. Cooperaram n'esta festa d'arte alguns alunos do eximio professor de canto, maestro Artur Trindade, distinguindo-se «mesdemoiselle» Elisa Guedes que, possuindo uma linda voz, cantou com expressão a aria do «Fausto» «E' Stano Poter il viso», e uma «romanza»; madame Rosa Barroso de Moraes, que interpretou muito bem a «romanza» da «Cavalleria Rusticana» e uma canção portuguesa, original de seu marido, sr. dr. Alberto Moraes e o sr. Armando Alves, que tem uma voz de tenor bastante agradável e que cantou a «romanza» «Un vergine», da «Favorita».)



1. «Mademoiselle» Ema Marçal—2. A sr.^a D. Lucília Moreira—3. «Mademoiselle» Gabriela Correia—4. O sr. Artur Trindade, professor de canto—5. A sr.^a D. Rosa Barroso de Moraes—6. «Mademoiselle» Lyde Moreira—7. «Mademoiselle» Laura Biloso—8. «Mademoiselle» Elisa Guedes—9. «Mademoiselle» Raquel Correia—10. «Mademoiselle» Grete Stern—11. «Mademoiselle» Eufrazia Silva—12. «Mademoiselle» Maria Helena Loureiro—13. «Mademoiselle» Clementina Conceição Vilar Moreira—14. O sr. Armando Fernandes Alves—15. O menino José da Cunha Novaes e Hans—16. «Mademoiselle» Lídia Coelho de Almeida—17. «Mademoiselle» Margarida Leocaste Moraes—18. «Mademoiselle» Maria Luiza Coelho de Almeida—19. «Mademoiselle» Mabilina Augusta Costa Andrade—20. «Mademoiselle» Maria Cecília de Vasconcelos—21. «Mademoiselle» Germaine Stern—22. «Mademoiselle» Phedra Correia—23. O sr. Paulo Bittencourt Amarante—24. Os meninos Gustavo e Hans Zicharmann—25. As meninas Maria Luiza e Maria Henriqueta de Faro e Oliveira.

Uma festa patriótica na Beira

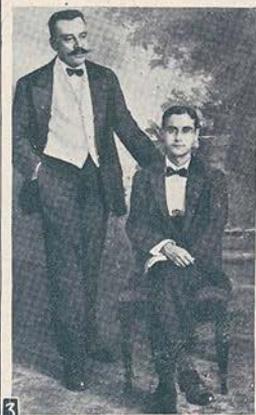


1

A' iniciativa da sr.^{as} D. Amalia Fonseca Pery de Linde, esposa do governador do territorio da Mocambique, se deve a constituição de uma comissão que promoveu na cidade da Beira uma brilhante festa a favor da Cruz Vermelha Portugueza. A comissão compunha-se d'aquella illustre senhora, que era sua presidente, e das sr.^{as} D. Elvira Lopes Valente, D. Berta Forte e D. Anto-



2



3

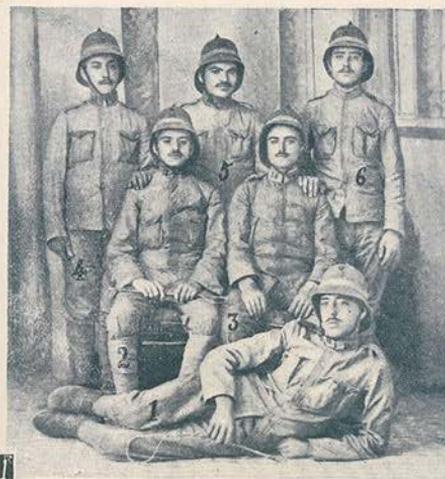
nia Franco Afonso e dos srs. Antonio Peixoto, José Fernandes, Alfredo Caçador, Jancem Alves, Manuel de Carvalho e Pedro Fernandes. A festa, que esteve concorridissima constou de quadros plasticos, da representação da deliciasissima, peça de Julio Dantas, *Rosas de todo o ano* e da espirituosa comedia de Camilo O *Morgado de Fafe*, sendo todos os seus interpretes entusiasticamente aplaudidos.



4

1. Um quadro grego pelas srs.^{as} D. Celeste Matos Coelho, D. Isabel Lisboa de Lima, D. Maria Fernanda Pery de Linde e a menina Maria Justina Figueiredo.—2. Uma cena das *Rosas de todo o ano* pelas sr.^{as} D. Berta Forte e D. Antonina Franco.—3. De pé, o ensalador das comedias o capitão-tenente sr. Alfredo Caçador; sentado, o ensalador dos coros sr. dr. Franco Afonso, delegado da comarca.—4. Grupo de todas as pessoas que tomaram parte nos espetaculos a favor da sociedade Portugueza da Cruz Vermelha e comissão executiva.—(Cliches do distinto fotografista J. R. Carvalho).

A expedição no Sul de Angola



1. Soldados de infantaria 18: 1. J. A. Couto Fernandes Junior, 2. Anselmo de Moura, 3. Armando Leite, 4. Antonio da Silva, 5. Antonio Francisco Mendes, 6. Antonio M. de Amorim.

16: Sentados da direita para esquerda: segundos sargentos José Aniceto e Antonio Trindade, 1.º Sargento Luciano e 2.º sargento Mesquita de Mendonça; de pé da direita para a esquerda: 2.º sargentos Luz Dias, Vilan Pereira e Americo da Silva Freitas.



3. Sargentos de infantaria 17.—4. Cabos de cavalaria 4: 1. Manuel José Paninho, 2. Antonio Luiz Iça, 3. João Pinheiro, 4. Pedro Brito da Cruz, 5. José Cesar de Barros, 6. José dos Santos Purgueiro, 7. Possidonio José Ventura, 8. Antonio Gonçalves; 9. Abilio Dias Moreira; 10. Vitorino Pereira da Costa, 11. Antonio Henriques Antunes, 12. Frederico Pereira da Silva, 13. Artur Rodrigues, 14. Antonio Antunes, 15. João Vieira Amado.—3. 14.ª companhia de infantaria 16:

1. Capitão sr. José Pires da Camara, 2. Tenente José Quirino da Camara, 3. Tenente Rodrigues Trêixeira de A. melda, 4. Tenente Antonio Paes de Andrade Baeta, 5. 1.º sargento Luciano Augusto, 6. 2.º sargento João Carmo Mesquita de Mendonça, 7. 2.º sargento Antonio Elias Francisco Trindade, 8. 2.º sargento João Aniceto, 9. 2.º sargento Americo da Silva Freitas, 10. 2.º sargento José Batista Vilan Pereira.



A noiva encaminhando-se para a egreja

Os noivos depois da cerimonia religiosa na egreja do Coração de Jesus. — (Clichés Benoliel)

Casamento — Na egreja do coração de Jesus realisou-se o casamento da sr.^a D. Gabriela Nunes Malta, filha do abastado proprietario sr. Julio Augusto de Brito Malta e da sr.^a D. Luiza B. Nunes Malta, com o sr. José Maria Laboreiro Vila Lobos, representante de uma illustre familia de Montemor-o-Novo e proprietario e agricultor.



Os srs. Francisco (1) e Adellino Ferreira (2) proprietarios da «Grande Fabrica de Louca e Ceramica» de Agua Branca em S. Paulo. Festejaram a noite de Natal do ano passado, dando uma lauta ceia aos seus operarios. No fim houve uma quefe, revertendo a terca parte do produto para os «Orfãosinhos belgas» e o restante, 108\$72, para, por intermedio do *Seculo*, ser enviado aos nossos soldado

O Velho Mundo em guerra

As hesitações da Itália em entrar no conflito e a atenção com que ela tem recebido e apreciado as propostas austro-alemãs para se manter na neutralidade, iam na lançanda d'uma guerra civil. Os ultimos telegramas, saídos de Roma, com a permissão da censura, que aliás é rigorosa, já não ocultavam a feição grave do conflito entre os partidarios e os não partidarios da intervenção. Batiam-se com mais desespero e odio reciproco do que os aliados se batem com os alemães. Já era grande o numero de mortos e muito maior o de feridos, receando-se que a luta continuasse cada vez mais encarniçada.

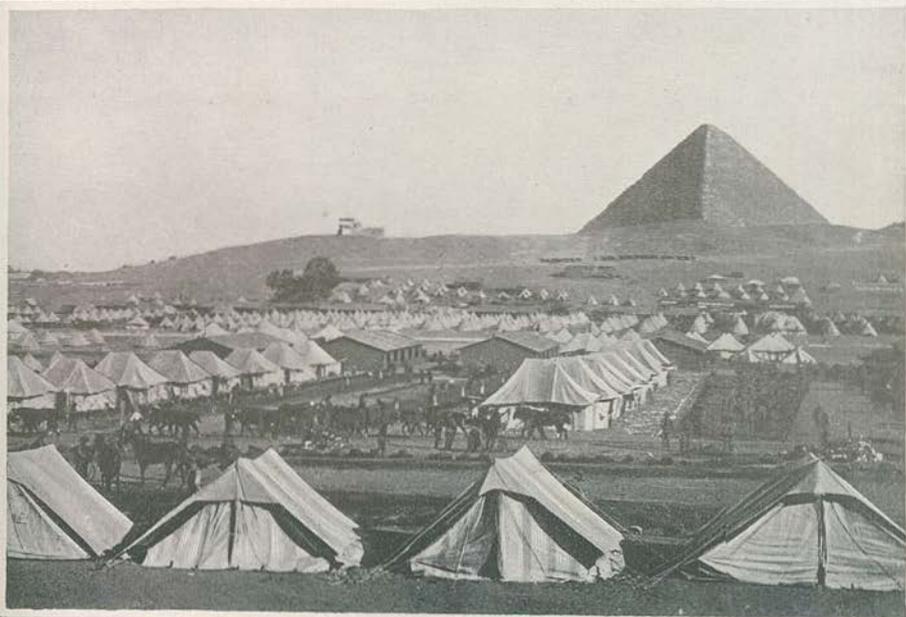
O ministerio Salandra-Sonino



No campo de batalha: entrega de condecorações pelo presidente da Republica—(Cliché Excelsior)

deu imprevisivelmente a sua demissão, causando este facto uma impressão desagradavel. Falou-se na organização de um governo com os srs. Salandra e Giolitti, sendo este, como se sabe, um dos que mais defenderam a abstenção. Mas o rei, se a teve, abandonou esta idéa, porque o povo levantou-se em peso contra ella, continuando todo o ministerio Salandra no poder. A Itália não tardará pois, a entrar na guerra.

Os paizes que fugirem a entrar n'ella hão de acabar por tel-a, e bem horrivel, no seu proprio seio.



Acampamento de tropas australlanas desembarcadas no Egypto e prestes a seguirem para os Dardanelos (Cliché Branger)



Um episódio na linha oriental: Soldados da Herzegovina abrindo trincheiras

Contra os alemães na África do Sul



Pérgadas dos soldados marchando sobre a areia

Os ingleses continuam a penetrar nos territórios do sudoeste alemão, dando os últimos telegramas a notícia da tomada da capital d'essa colônia.

As condições em que tem sido feita essa pe-



Soldados ingleses atacando o inimigo

netração, por meio de marchas excepcionalmente difíceis, tem posto em maior relevo a resistência e coragem das tropas inglesas, ainda ha pouco tão brilhantemente assinaladas na repressão da rebel- dia dos elementos boers instigados pelos alemães.



Penosa marcha dos ingleses contra os alemães sobre as dunas

LUTANDO COM O LÔDO



As fortes enxurradas do inverno dificultaram e ainda estão dificultando atrozmente a passagem de tropas na linha de leste. Então, entre os Carpatos e a Prússia oriental não se calcula o que é aquele

imenso mar de lama sobre um leito de barro. Homens, cavalos e carrões enterram-se n'ele profundamente e só por meio de esforços sobreumanos conseguem arrancar-se, ficando ainda assim seria-

mente danificado, quando não sepultado no lodo, muito material de guerra e largas provisões de víveres. Já Napoleão dizia ter encontrado na Polónia um novo inimigo a combater: a lama. Em 1806, até

soldados lhe ficaram presos, acarrvados até para cima da cintura na lama e quem procurava salvá-os tinha a mesma sorte. Hoje estão acontecendo idênticos casos n'aquela região.

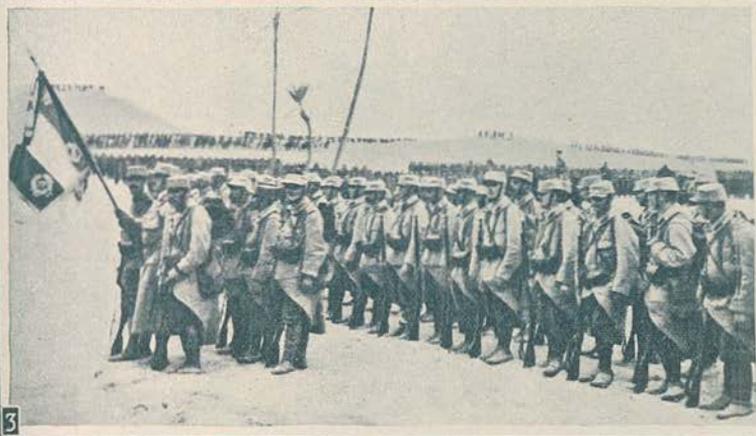
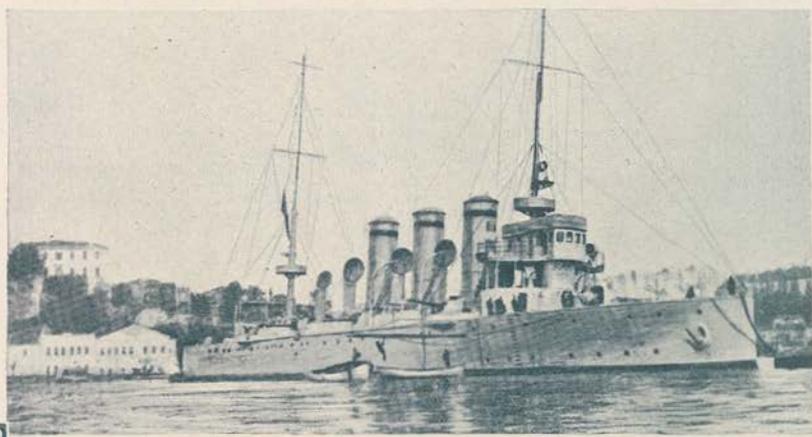


Inglezes e canadinos.—Por causa dos gazes asfixiantes tiveram os canadinos de ceder aos alemães algum terreno perto de Yprès. N'essa ocasião passa-

va, porém, uma coluna britânica que fez desalojar o inimigo com grandes perdas, trocando-se entre os ingleses e as tropas coloniais as mais efusivas saudações.

Nos Dardanelos

Continúa o avanço dos aliados para Constantinopla por terra e por mar. Os fortes do estreito tem sofrido grandes avarias e as obras de fortificação que os turcos procuravam opôr á marcha das forças de terra tem sido sucessivamente



1. O *derviche* de Alepo, patrono da guerra santa, com o estandarte dado pelo sultão

2. O cruzador turco *Medjidieh* afundado pelos russos no Mar Negro

3. Tropas francezas concentradas na Alexandria antes da partida para os Dardanelos

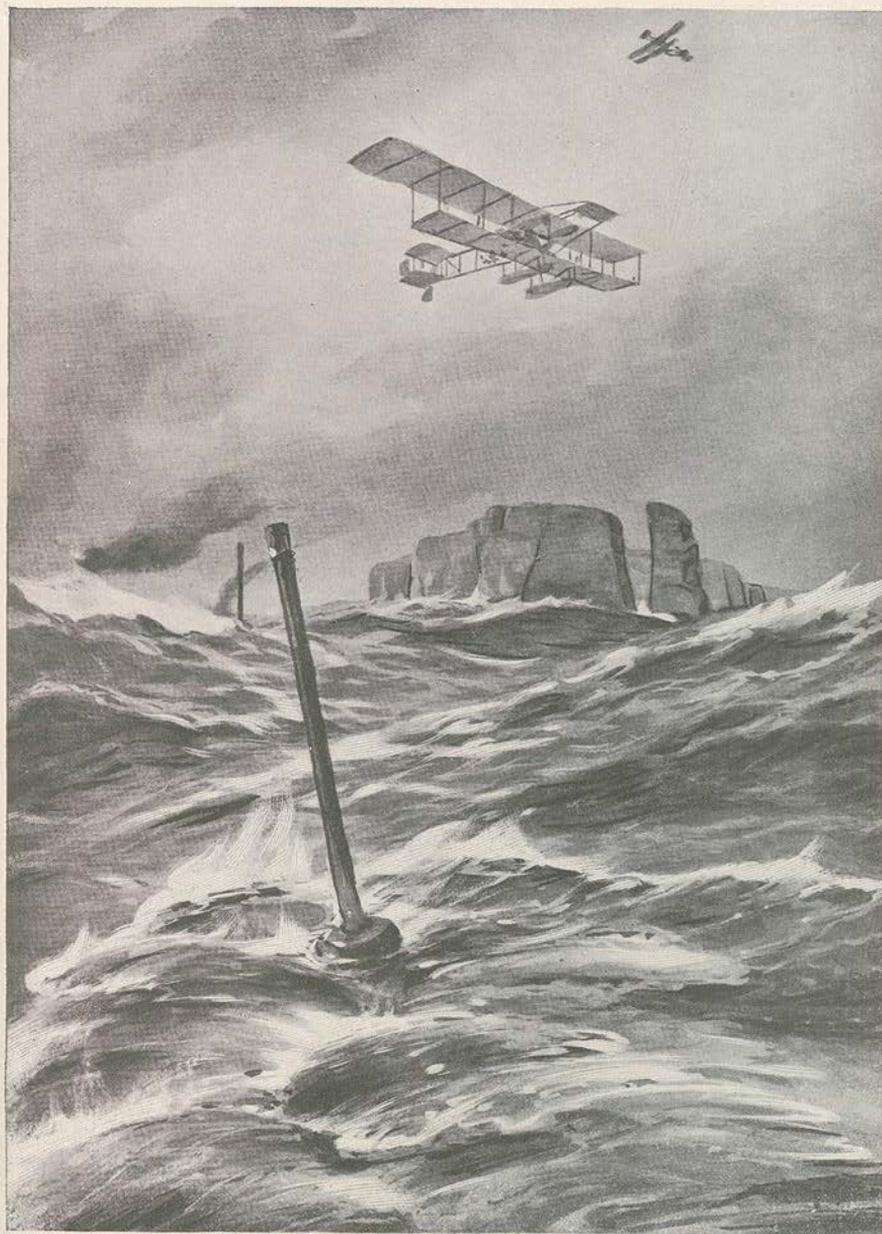
arrazadas, sofrendo eles tremendas derrotas. As ultimas noticias accusam já a presença de um submarino inglez no Mar de Marmara, tendo metido a pique tres navios turcos. E' um feito brilhante, visto o grande numero de minas semeadas no Estreito e a sua perigosissima drenagem, e com elle podem-se considerar franqueados os Dardanelos.



66

A pirataria alemã. — Mesmo sem o rudimentar preceito de uma provocação, os alemães estão metendo no fundo todos os navios mercantes que passam ao alcance dos seus submarinos. Esta página representa um d'esses atos

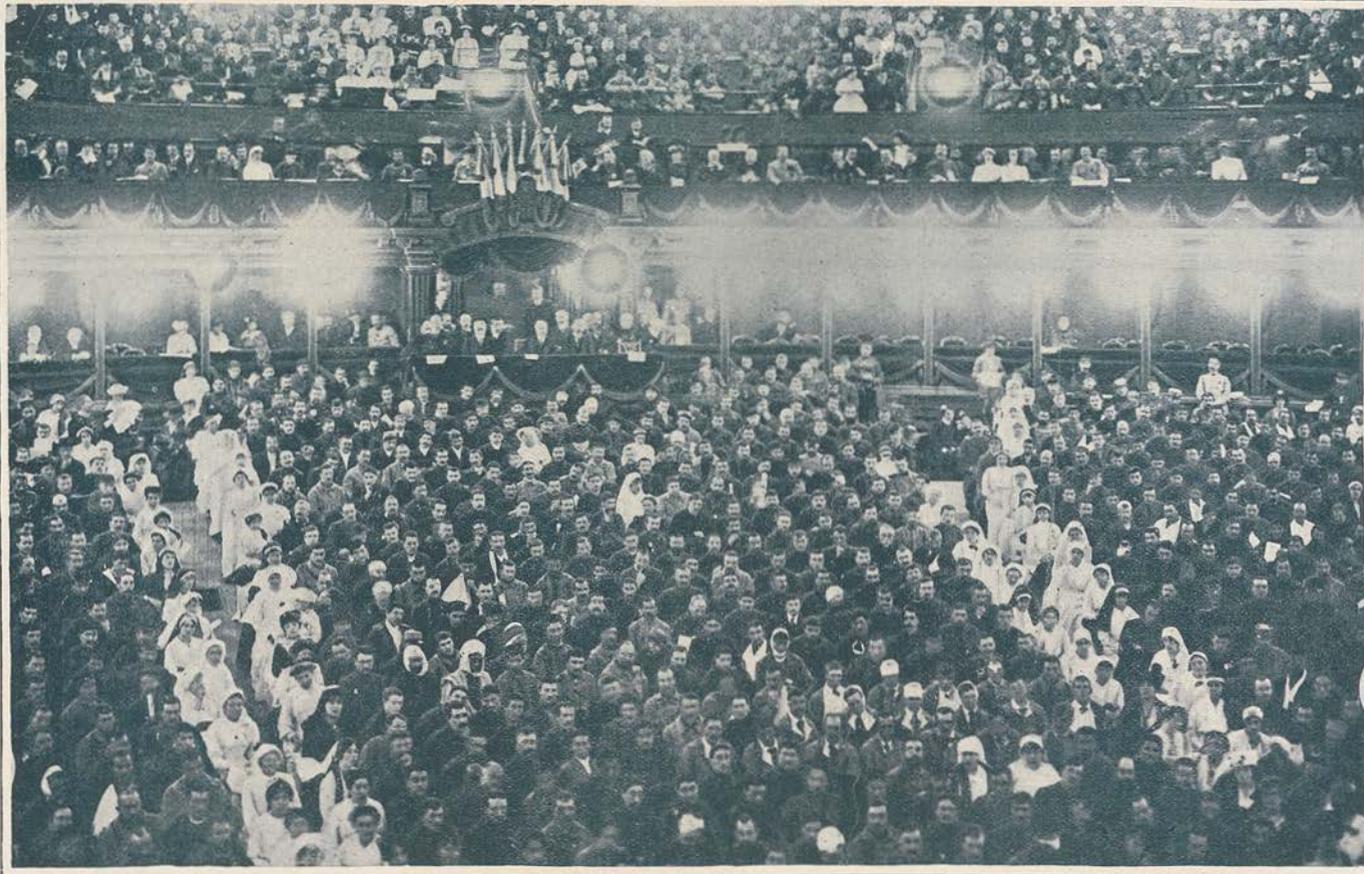
abomináveis, vendo-se um vapor de passageiros já alcançado por uma granada que sobre ele estourou e regosijando-se os selvagens com o terror causado a bordo do desgraçado navio que não tardava a afundar-se.



HIDROAÉROPLANOS E SUBMARINOS

A navegação aérea e a submarina continuam a desenvolver-se de uma maneira extraordinária. Por toda a vasta área onde se luta, encontram-se com frequência estes valiosos elemen-

tos de combate, não sendo raro ver os guerreando-se uns aos outros ou operando de combinação. Assim, é que os alemães estão conseguindo dizimar navios mercantes todos os dias.

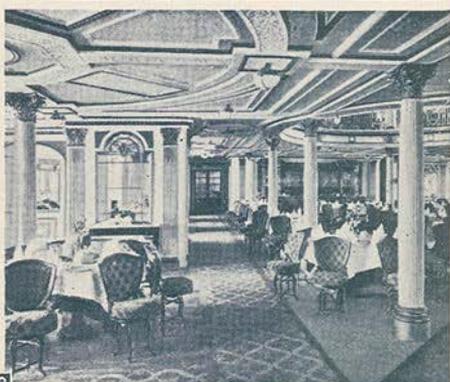


Uma recita de gala dedicada aos feridos da guerra pelo Presidente da Republica Franceza, vendo-se na plateia feridos de todas as nacionalidades e um grande numero de enfermeiras.—(Cliché Excelsior).

O LUSITANIA

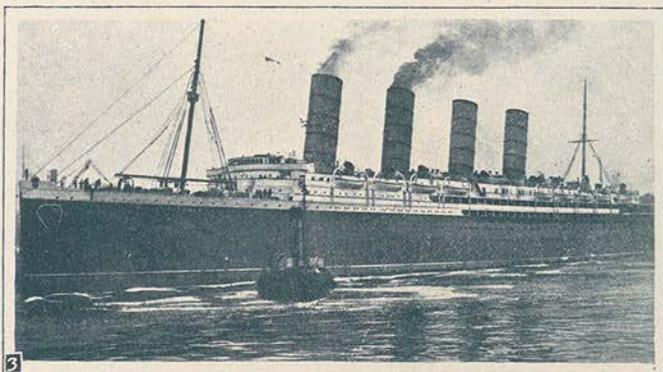


Salão de recreio



A sala de jantar

Não se apagará tão cedo a indignação, a revolta causada em todo o mundo pelo inaudito ato de pirataria alemã metendo no fundo com um torpedo o magestoso transatlântico inglês *Lusitania*, que vinha dos Estados Unidos da Ameri-

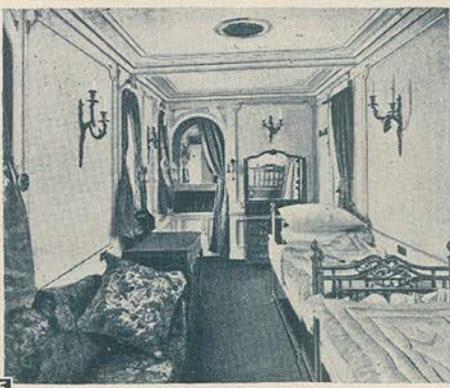


O Vapor *Lusitania*

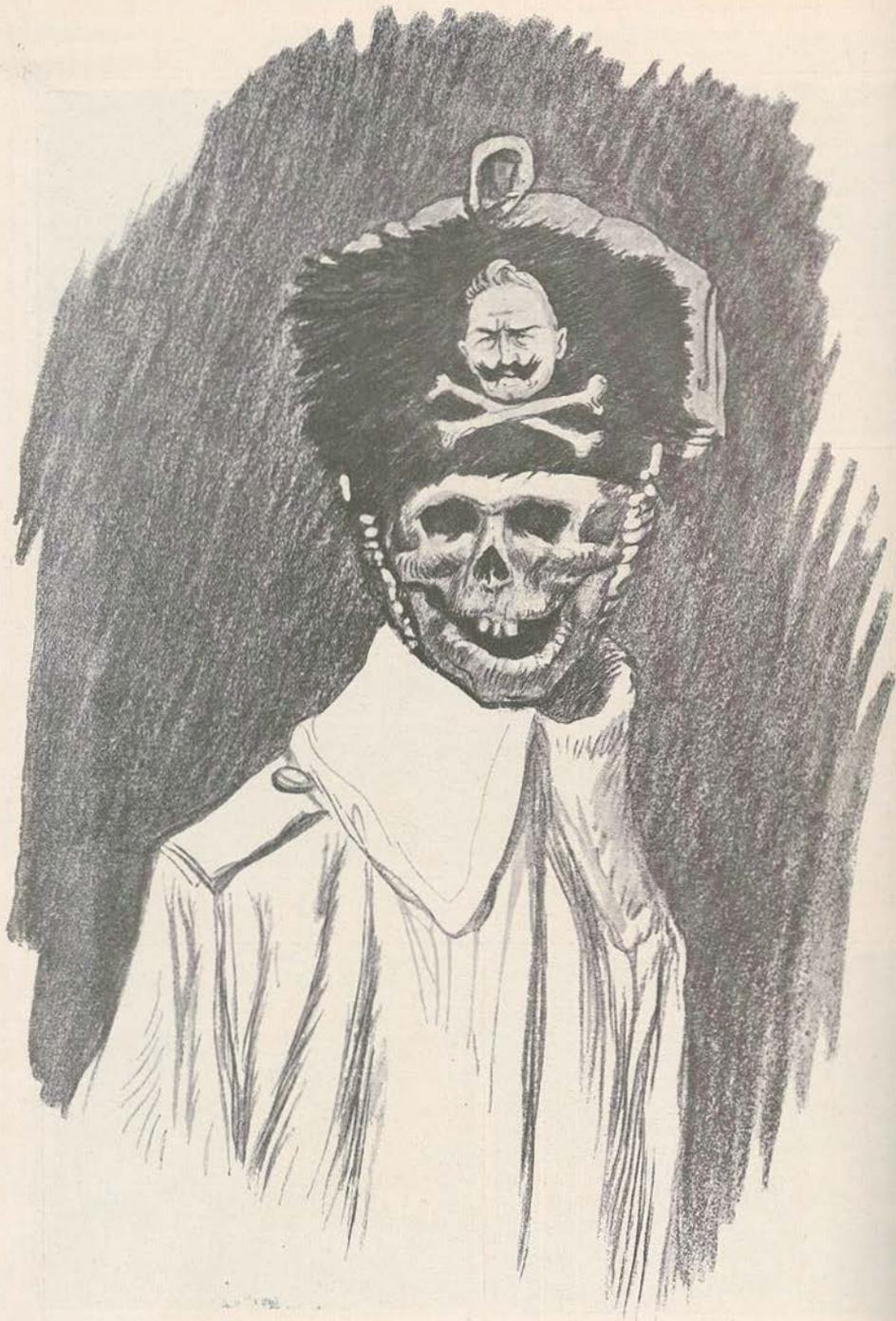
ca para Inglaterra com 2.160 pessoas a bordo, morrendo 1.512 e salvando-se apenas 658! Pela altitude que tomou a grande república norte-americana é provável que esta inacreditável selvageria germanica tenha um estrondoso castigo.



A sala de fumar



Uma «cabine» de luxo



Dedicatória

A Guilherme: Um hussard reconhecido

A marinha e a revolução.

—A nossa marinha de guerra tornou-se o factor mais importante de todas as grandes manifestações da vontade nacional, sempre que se trata de defender os principios constitucionaes e de reivindicar direitos usurpados pelo despotismo. Em 14 d'este mez, como em 5 d'outubro de 1910, como em anteriores movimentos de protesto, os marinheiros por tugezes destacaram-se sempre pela sua valentia e pelo seu patriotismo.

Encontraram eles tambem d'esta vez um homem de ação e de acrisolados sentimentos patrios, que assumiu o comando da di-



O capitão de fragata sr. Leote do Rego

ligado perduravelmente á historia d'este heroico movimento e será de certo respeitado por todo o paiz.



O 1.º tenente da armada sr. Philemon Duarte de Almeida

A prisão do general Pimenta de Castro.—A prisão do general Pimenta de Castro, que se instalára com o seu governo no quartel do Carmo ao estalar a revolução, foi um acontecimento que encheu Lisboa inteira de alegria, porque marcava definitivamente o fim da luta. Tinha já terminado as refregas nas ruas, mas a idéa de que o chefe do governo ainda podia tentar, com os recursos de um mal imaginado auxilio de regimentos da provincia, um novo golpe, não deixava tranquilisar muito os espiritos.

Essa tranquillidade chegou, porém, quando se soube que dois officiaes distintos, como militares e



O general sr. Pimenta de Castro

Castro a acompanhál-os, ficou, dando entrada sob prisão no cruzador *Vasco da Gama*.



O 1.º tenente da armada sr. Pereira da Silva

como patriotas, os primeiros tenentes da armada srs. Philemon Duarte d'Almeida, que esieve commandando o Arsenal de marinha, e Fernando Augusto Pereira da Silva, que nem um minuto deixou tambem o Arsenal, onde prestou com o seu illustre camarada serviços valiosissimos, haviam executado a ordem superior de irem ao quartel do Carmo e intimarem o general Pimenta de ao (que este se prontificou, dando entrada sob prisão no cruzador *Vasco*

visão revoltosa. Foi o capitão de fragata Leote do Rego, que ás suas grandes qualidades militares alia a de um escritor distinto e a de um orador vibrante que de ha muito vem sustentando uma propaganda patriótica que concorre eficazmente para arrancar as massas populares de uma attitude expectante que não se podia prolongar mais. A bordo do *Vasco da Gama*, Leote do Rego revelou durante a revolução uma tática á altura da sua grande coragem. O seu nome ficará

O NOVO MINISTERIO

O ministerio proposto pela *Junta Revolucionaria* foi excelentemente acolhido por todo o paiz. Cada um dos homens que o constituem é, pelo seu passado, uma garantia de bom governo. O seu presidente, sr. João Chagas, um dos homens que mais se tem sacrificado pela República, deve em breve tomar conta do seu cargo, já restabelecido dos fermentos

que, á sua passagem pelo Entroncamento, no regresso do Porto a Lisboa, lhe fez a tiros de revolver o senador sr. dr. João de Freitas, um verdadeiro louco que pagou com a vida, ás mãos da justiça popular, o seu revoltante crime, não querendo mesmo a propria familia saber do seu cadaver, que foi sepultado em Torres Novas.



1. O sr. João Chagas, presidente do conselho e ministro do interior 2. O sr. dr. Sebastião de Magalhães Lima, ministro de instrução. 3. O sr. Teixeira Queiroz ministro dos estrangeiros. 4. O sr. dr. Fernandes Costa, ministro da marinha. 5. O sr. ur. Manuel Monteiro, ministro do fomento. 6. O sr. dr. José de Castro, ministro da guerra. 7. O sr. dr. Paulo Falcão, ministro da justiça. 8. O sr. Tomé de Barros Queiroz, ministro das finanças.



9. O sr. Freitas Ribeiro. 10. O sr. Sá Cardoso. 11. O sr. Alvaro de Castro. 12. O sr. Norton de Matos 13. O sr. Antonio Maria da Silva, membros da Junta revolucionaria.—14. Revolucionarios civis no Arsenal.



A multidão no largo do Município, aclamando a Junta revolucionaria



Populares conduzindo preso o vice-almirante sr. Xavier de Brito, ministro da marinha do governo Pimenta de Castro, ao Arsenal.

Os srs. Antonio Maria da Silva, membro da junta revolucionaria, Domingos Pereira e major Bastos, conferenciando com os srs. capitão Santos e tenente Muzanty no Arsenal.



Um momento de pânico na praça do Município:—Tudo foge...



Estragos produzidos nos escritórios do *Seculo* por uma granada que lhe atravessou um dos compartimentos superiores, vendo-se esta reproduzida no alto sobre a parede.



O *Vasco da Gama* e o *Almirante Reis* com os distintivos de guerra, tomando posições para responderem á artilharia de terra.



1



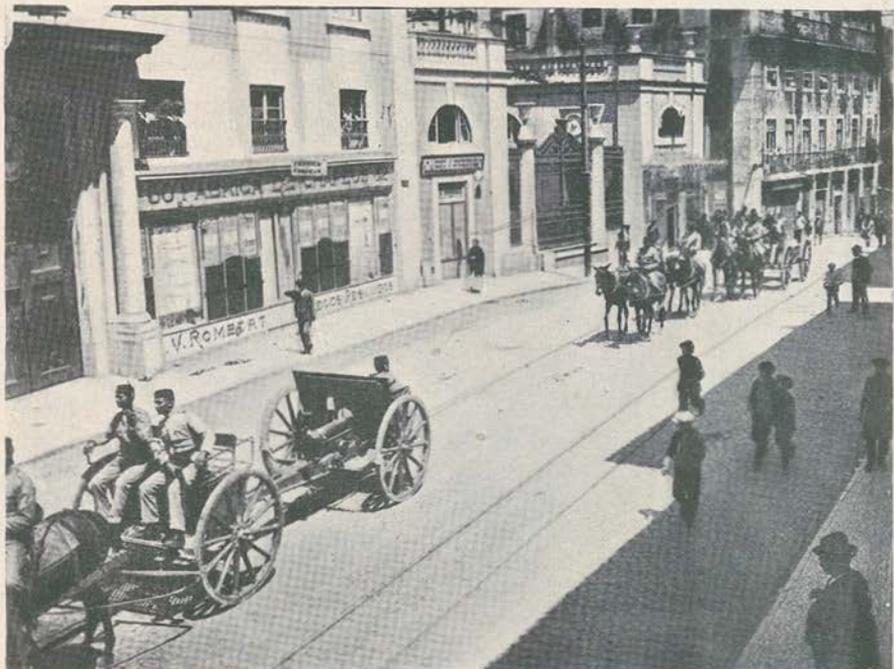
2

1. Carregando a peça de 15 c. do *Vasco da Gama*, que melhores tiros fez para o Terreiro do Paço e Santa Catarina
 2. Efeitos produzidos por um tiro da peça de 15 c., do *Vasco da Gama*, na Arcada, em frente do ministério da Justiça



3

3. Um grupo de marinheiros à prôa do *Vasco da Gama*



Artilharia 1 passando no Calhariz de volta da rua do Comércio, para onde fôra mudada do Alto de Santa Catarina, a solicitação dos moradores d'esse ponto e vizinhanças pois que os prédios estremeçam perigosamente a cada tiro.



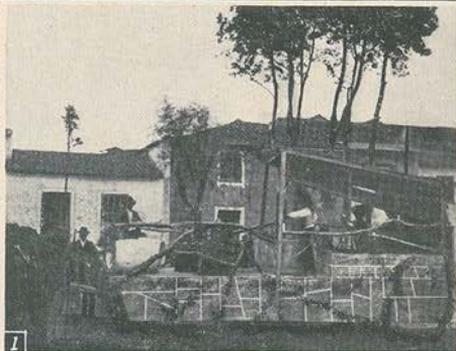
Infantaria 16 passando na rua do Loreto, em direção ao Conde Barão.—(Clichés Beenollei).

FEIRA DAS CINZAS EM BARCELOS

Por espaço de ligeiras horas animadas pelo esfu-sante entusiasmo do povoou irrequieto, o foras-teiro apaixonado empolgou-se ás mil maravilhas com o desenrolar d'um soberbo kaleidoscopio de intensa vida campesina, d'aqueles cava-dores hu-mildes, de tez escura e retesados braços de ferro, que transformam á custa d'uma persistencia heroi-ca os montados estereis em verdes campos ondu-lantes de pão bemdito.

O espevitado cavaquinho «amail-o» estridente «harmonium», por toda a parte, põem um tom de alacridade intensa na movimentada festa rural. O ranger metalico da ferragem das quasi primitivas carripanas de lavoura e o tropear dos sócos con-duzidos por grosseiros pés, batem, com estridor, de encontro ao velho lagedo do vilorio.

Superabundancia de alfaias agricolas e uma aluvião curiosa d'objetos de uso caseiro decoram



1.º premio da Camara Municipal



2.º premio da Associação Comercial

Vozes dedicadas e sons fortes chocam-se.

Dão a impressão nervosa do estilhaçar de finos cristaes. E' o ruídos cortejo que chega. As ban-das de musica amenisam os pavilhões auriculares com marchas coloridas de notas alegres. A pri-mavera da côr irrompe triunfalmente por entre a mole humana desvirando a pupila curiosa com a policromia dos trages das sacudidas moçoilas.

O ritmo embalador das suaves trovas populares

bisarramente, a capricho, os pesados carros tira-dos a nedios bois d'olhos tranquilos, doces de resignação.

Motivos campestres ao natural e cenas alegres pitorescas seguem rua fóra sob um chuveiro de fartos ahs! de entusiastica admiração. E' a apoteose da Belesa imortavel e da luta insana pela vida honesta que passa alegremente, socegado, nos seus magestosos altares ambulantes eretos em ho-



3.º premio

perfuma o azul turqueza do espaço. Ranchos de esbeltas raparigas, d'ancas apetitosas e braços ro-liços erguidos em arco como duas azas tentando voar, bailam doidamente, ao som d'uma destra viola bragueza.



Outro carro ornamentado

menagem ao trabalho abençoado do lavrador in-cançavel.

Domingos Ferreira.

(Clichês do autor).